

1. O LÍRICO – GÉNERO LITERÁRIO

A designação “lírico” aplicava-se inicialmente a um tipo de poesia que era acompanhada pelo som da *lira*, instrumento musical de cordas. Actualmente, porém, “lírico”, “lírica” são palavras utilizadas para qualificar:

– pessoas – com o sentido de sentimental, sonhador, utópico;

– um tipo de teatro musicado – a ópera – opondo-o ao teatro não musicado (daí que tenores, sopranos, etc. sejam chamados cantores líricos);

– género literário, normalmente em verso – em confronto com o género épico / narrativo e com o género dramático.

É, naturalmente, neste sentido, que se prende com o primitivo de “poesia acompanhada pela lira”, que vamos abordá-lo.

Foi com Platão (filósofo grego do séc. V a.C.) e com Aristóteles (séc. IV a.C.) que os géneros literários foram agrupados em três – épico, lírico e dramático. Ao *género épico*, cultivado por Homero e, mais tarde, por Virgílio e Camões, pertenciam os textos que celebrassem acções, protagonizadas por personagens fora do comum, que se movimentavam num determinado tempo e espaço. Abandonando as suas primeiras formas poéticas e de celebração de acontecimentos e personagens grandiosas, o género épico deu origem ao *género narrativo*, isto é, ao conjunto de textos “contados” por um ou mais narradores e relatando acontecimentos (contos, novelas, romances). Ao *género dramático* pertenciam as obras destinadas a ser

representadas num palco, isto é, os textos teatrais (tragédias, comédias, dramas). Ao *género lírico* pertenciam os textos em que o autor exprimia emoções, sentimentos (odes, elegias, epístolas, élogos, etc.).

Diómedes, igualmente do século IV a.C., afirmava:

“Na lírica é o autor que fala; na narrativa falam as personagens e fala também o narrador; no drama, falam só as personagens.”

Por isso, Goethe, poeta alemão dos finais do século XVIII, escrevia:

“Dentre as pessoas gramaticais, a pessoa por excelência da lírica é o Eu; da narrativa é o Ele; a do Drama é o Tu.”

Poderemos entender bem estas palavras de Goethe, se virmos que, de facto, na lírica se trata, para o autor, de exprimir o seu modo de sentir a realidade e de nos oferecer sobre ela um olhar subjectivo – logo, enunciados de 1.^a pessoa, do EU; o mesmo não sucede com a narrativa, em que se trata de “contar” acontecimentos, reais ou fictícios, do mundo exterior – acontecimentos protagonizados por personagens – logo, enunciados de 3.^a pessoa, do ELE; no drama, por sua vez, há alguém, criado pelo autor (dramaturgo) que fala para outro (os actores/personagens para os espectadores/público) – por isso, enunciados de 2.^a pessoa, do TU.

“O poeta lírico exprime a realidade tal como a sente – diz Guy Michaud –, o autor narrativo como a compreende, objectivando-a em personagens exteriores a si; o autor dramático, recriando-a tal como a vive, com os seus conflitos e lutas.”

Como expressão de sentimentos do Eu face à realidade, as categorias de *tempo* e de *espaço* não têm importância no género lírico – quando muito, servem de ponto de partida para a